

O HOMOEROTISMO, SEGUNDO O EVANGELHO APÓCRIFO DE MÁRIO DE ANDRADE

Latuf Isaias MUCCI
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Gozando de extraordinária fortuna crítica, a obra de Mário de Andrade (1893-1945) é, no entanto, rarissimamente estudada sob o prisma do homoerotismo, nela latente ou explícita. A que se deve o silêncio em torno desse ângulo do escritor de “300, 350” faces e disfarces, criador de *Macunaíma* (1928), ser protético por natureza? Terá sido o recalque inspirado nas próprias reticências católicas do escritor paulistano ou será fruto de uma postura pudica ou de um falso respeito diante do maior ícone do modernismo brasileiro? Este trabalho – vertente tardia de minha pesquisa de pós-doutoramento em Letras Clássicas e Vernáculas, na USP, tematizando Mário de Andrade – flana por ruas escuras do texto mariodeandradiano, aí perscrutando ecos daquele amor que, *in illo tempore* (vale dizer, na era vitoriana, que condenou Oscar Wilde – 1854 /1900), não ousava dizer seu nome, e que a crítica mais canônica quer, em vão, rasurar.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; Homoerotismo; Modernismo brasileiro.

RÉSUMÉ: Ayant une extraordinaire fortune critique, l'oeuvre de Mário de Andrade (1893-1945), est, pourtant, très rarement étudiée sous l'angle de l'homoérotisme, qui y est implicite et explicite. Pourquoi le silence autour d'un écrivain aux “300, 350” faces et masques, créateur de *Macunaíma* (1928), un être protétique par nature? Est-ce à cause du reffoulement inspiré dans les reticences catholiques de l'écrivain de São Paulo ou est-ce fruit d'une attitude puritaine ou un faux respect vis-à-vis du plus grand icône du modernisme brésilien? Cet essai – fruit tradif de ma recherche de post-doctorat ès Lettres Classiques et Vernaculaires à l'USP, ayant comme corpus Mário de Andrade – flâne sur des rues obscures, du texte mariodeandradian, y recherchant des échos de cet amour qui, *in illo tempore* (c'est-à-dire, à

l'ère victorienne, qui a condamné Oscar Wilde, 1854-1900), n'ousait pas dire son nom, et que la critique canonique veut, en vain, effacer.

MOTS-CLÉS: Mário de Andrade; Homoerotisme; Modernisme brésilien.

Para S.M.

“Outra forma de amar no acerbo amor”
Carlos Drummond de Andrade (ANDRADE, 1985, p. 266).

1 DO CÂNONE APÓCRIFO.

Recorrendo-se à chave da semiologia, o significante “apócrifo” exibe um espectro de significações: sua etimologia grega – *apokruphos*, *apokruphtein* – traduz-se, em vernáculo, por “esconder”. Nessa esteira significativa, o signo “apócrifo” significa, literalmente, “escondido” e designa, segundo a mais antiga tradição, todo escrito guardado secretamente e furtado ao conhecimento do público; esse era o caso, em Roma, dos livros das sibilas, confiados à guarda dos decênviros. Entre os Judeus, um livro podia ser, ao mesmo tempo, sagrado e apócrifo, ficando depositado no templo e com acesso proibido ao público; na tradição judaica, apócrifo era o não-canônico, isto é, um livro não inscrito no cânon ou catálogo público das Escrituras. Já entre os cristãos, estendeu-se o sentido do termo “apócrifo”, na medida em que a canonicidade se tornou o critério da inspiração divina, isto é, a Igreja insere no cânon todos os livros inspirados por Deus, sendo considerado apócrifo todo livro sem a inspiração divina, o que não resulta, necessariamente, numa contestação da autenticidade ou veracidade desse livro. Todavia, aplicando-se à Bíblia, o signo “apócrifo” refere aquelas partes do Antigo ou do Novo Testamento, cuja autenticidade não foi suficientemente estabelecida, sendo, por conseguinte, rejeitadas pela Igreja. Fora da semântica religiosa, o

significante “apócrifo” contrapõe-se ao significante “autêntico”: incidia-se como apócrifo todo livro sobre o qual recaia alguma suspeita, qualquer desconfiância, uma dúvida. Na biblioteca babélica (BORGES, 1974, 1011-1012) dos livros apócrifos, escondem-se, além dos Evangelhos de São Tomé, São Filipe, Maria Madalena, ainda, por exemplo, *Ossian*, inventado por James Macpherson (1736-1796), as *Poésies de Clotilde de Surville*, forjadas por um dos descendentes da pretensa poetisa *Guzla*, o *Théâtre de Clara Gazul* (1825) imaginados por Prosper Mérimée (1803-1870). Quase toda uma biblioteca poderia abrigar livros apócrifos, incluindo “*Fragments de un Evangelio apócrifo*”, daquele Jorge Luis Borges (BORGES, 1974, 1011-1012), arquiteto imaginário e fantástico guardador de livros.

2 DO EVANGELHO MODERNISTA.

Se Manuel Bandeira (1886-1968) foi alcunhado de o “São Batista do Modernismo”, deve haver um Jesus Cristo, porque o primo de Jesus, último profeta do Antigo Testamento, anunciou a vinda do Messias. Mário de Andrade pode ser, com todas as honrarias e opróbrios, considerado o Jesus Cristo do Modernismo. Assim sendo, este trabalho vai mapear, na fecunda produção literária de o criador de *Macunaíma* (1928), um aspecto que, por ser negligenciado pela inexaurível fortuna crítica do polígrafo paulistano, merece ser designado como apócrifo; almejando encarar um mito das letras brasileiras, apresentamos, portanto, um traço fundamental da obra de Mário de Andrade, traço ao mesmo tempo rasurado pela crítica mais canônica e que confirma a natureza vincadamente humana tanto do criador quanto de suas criaturas.

Como outro fundamental poeta do modernismo, esse da geografia portuguesa, Fernando Pessoa (1888-1935) que jamais se declarou homossexual, no entanto disseminou por toda a sua infinda obra, a começar pelos poemas em inglês (língua então fortemente cifrada para um público coetâneo seu) vestígios do amor que, naquele

tempo – *in illo tempore* do conservadorismo católico e da Rainha Vitória – não ousava dizer seu nome (expressão do julgamento infame de Oscar Wilde – 1858-1900 -, mártir da homossexualidade inglesa), Mário de Andrade, embora guardasse um católico sigilo – ele era congregado mariano - quanto ao seu homossexualismo, compôs textos em que o homoerotismo é, às vezes, implícito e, outras vezes, explícito, bem ao feitio daqueles tempos modernos paulistanos, quando a repressão sexual e a vigilância moral tinham uma desumana intensidade. Outra aproximação ainda possível do homossexualismo mariodeandradiano pode ser estabelecida com a de Roland Barthes (1915-1980), como assinalado por nós (*Culture, cultures*) no Congresso de Professores de Francês, realizado em 2005, na UFMG. O autor de *Incidents* (1987), diário terminal e tristíssimo de um senhor à busca de prazeres com jovens marroquinos, jamais, até por uma questão de *star*, negou sua condição homossexual, declarando-se à imprensa e em seus textos, que deslocam sentidos e sensações. Em Michel Foucault (1926-1984), seu amigo homossexual declarado, terá talvez Barthes visto um espelho e um horizonte de trabalho.

Como iniciação de uma pesquisa *in progress* e que deriva, tardiamente, de nosso pós-doutorado na USP em torno de Mário de Andrade, recortamos signos homoeróticos nos poemas “Soneto do adolescente” e “Cabo Machado”, duo mais que suficiente para demonstrar que, na constelação do “papa do Modernismo”, há lugar esplendoroso para a galáxia homoerótica.

CABO MACHADO

Cabo Machado é cor de jambo,
Pequenino que nem todo brasileiro que se preza.
Cabo Machado é moço bonito.
É como si a madrugada andasse na minha frente.
Entreabre a boca encarnada num sorriso perpétuo
Adonde alumia o Sol de ouro dos dentes
Obturados com luxo oriental.

Cabo Machado marchando
É muito pouco marcial.
Cabo Machado é dançarino, sincopado,
Marcha vem-cá-mulata.
Cabo Machado traz a cabeça levantada
Olhar dengoso pros lados.
Segue todo rico de jóias olhares quebrados
Que se enrabicharam pelo posto dele
E pela cor-de-jambo.

Cabo Machado é delicado, gentil.
Educação francesa mesureira.
Cabo Machado é doce que nem mel
E polido que nem manga-rosa.
Cabo Machado é bem o representante duma terra
Cuja Constituição proíbe as guerras de conquista
E recomenda cuidadosamente o arbitramento.
Só não bulam com ele!
Mais amor e menos confiança!
Cabo Machado toma um jeito de rasteira...

Mas traz unhas bem tratadas
Mãos transparentes frias,
Não rejeita o bom-tom do pó-de-arroz.
Si vê bem que prefere o arbitramento.
E tudo acaba em dança!
Por isso cabo Machado anda maxixe.
Cabo Machado... bandeira nacional!

(ANDRADE, 1987, p. 144).

Este poema está inscrito em *Losango cáqui*, livro de 1926, que tem como título alternativo *Afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão* e registra as experiências do poeta quando cumpria o serviço militar. Referenciando, portanto, uma etapa da vida de Mário de Andrade, o poema “Cabo Machado” remete a que se sabe que em instituições onde convivem encerrados apenas homens, como colégios, seminários, casernas, são freqüentes os casos de casos homossexuais, como retratam, paradigmaticamente, entre outros, os

romances *O bom crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897), *O ateneu* (1888), de Raul Pompéia (1863-1895), *Manbã submersa*, (1953, ano em que ingressei no Seminário Menor de Mariana-MG), de Vergílio Ferreira (1916-1996), *Les amitiés particulières* (1945), transformado em filme, de Roger Peyrefitte (1904-2000), cognominado “*le pape des homossexuels*” e o chocante filme *A má educação*, 2005, de Pedro Almodóvar.

Em trinta e três versos, as cinco estrofes apresentam um retrato com cores e sabores do objeto de desejo do eu lírico, nitidamente em êxtase diante desse que prefigura aquela “Garota de Ipanema”, mais tarde descrita por Vinícius de Moraes (1913-1980) e cantada por Tom Jobim (1927-1994). Se a garota dança a caminho do mar, o cabo não marcha, mas dança maxixe. A garota é a coisa mais linda e o jovem é “moço bem bonito”. O corpo dela é dourado, enquanto que o dele “é cor de jambo”, sintagma que fecha a segunda estrofe, concluindo ser essa cor a causa principal de sua sedução. Diferentemente do poema ipanemense, o poema paulistano insiste nos signos sensoriais e sensuais do garoto da caserna; depois de compará-lo, belamente, a uma perambulante madrugada, o eu lírico extasia-se diante de partes do corpo de tez de jambo: boca, dentes, olhos, mãos, unhas; elogia sua “educação francesa mesureira” (durante muito tempo, a fineza francesa foi identificada a um maneirismo homossexual), sua maquiagem com pó-de-arroz, além de confirmar sua delicadeza, gentileza, virtudes que convivem com uma firmeza: “mais amor e menos confiança!”. Sabores intensos não faltam nesse retrato de um modelo “cor de jambo”: o mel e a manga-rosa. Brilha um sol no “ouro dos dentes/obturados com luxo oriental”, versos que reenviam a um discurso coloquial e ao mesmo tempo decadentista, na medida em que são valorizados o ouro e o luxo de uma região exótica (MUCCI, 1994). Se o poema de Vinícius termina com um “Ah” exclamativo triste e solitário, o hino em torno do Cabo Machado conclui-se exaltante, elevando o moço à condição de (seguem-se significativas reticências) “bandeira nacional”. Altissonante. Mas falta, nesse epílogo glorioso, um epíteto, que preencheria a lacuna dos três

pontos: Cabo Machado: bandeira *gay nacional*. O derradeiro verso reenvia a este terceto de Rainer Maria Rilke (1875-1926), poeta decadentista checo:

orgulha-te: eu levo o estandarte
 não te preocupes: eu levo o estandarte
 ama-me: eu levo o estandarte

(Apud RUAS, 2005, p. 5)

No poema, o Cabo Machado consagra-se, pelas mãos do protagonista do modernismo brasileiro, como “bandeira nacional”, quando, na verdade da ficção, lê o próprio poeta quem empunha o estandarte *gay*.

Ao retrato *gay* do colega de caserna de Mário de Andrade, contrapomos um soneto, de 1937, metalingüisticamente designado:

SONETO

(Dezembro de 1937)

Aceitarás o amor como eu o encaro?...
 ... Azul bem leve, um nimbo, suavemente
 Guarda-te a imagem, como um anteparo
 Contra estes móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro
 Vive em teu corpo nu de adolescente,
 A perna assim jogada e o braço, o claro
 Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo
 Também mais nada, só te olhar, enquanto
 A realidade é simples, e isto apenas.

Que grandeza... A evasão total do pejo
 Que nasce das imperfeições. O encanto
 Que nasce das adorações serenas.

(ANDRADE, 1987, p. 320-321).

Esse petrarquiano soneto insere-se em *A costela do grã cão*, revelando, ao mesmo tempo, um caráter clássico do nosso maior poeta modernista e sua poética transgressora. Inscreve-se o soneto mariodeandradiano numa linhagem, onde encontramos, por exemplo, António Botto (1897-1959); em uma de suas mais belas *Canções* (1941):

Não. Beijemo-nos, apenas,
Nesta agonia da tarde.

Guarda –
Para outro momento,
Teu corpo viril trigueiro.

O meu desejo não arde
E a convivência contigo
Modificou-se – sou outro...

A névoa da noite cai.
Já mal distingo a cor fulva
Dos teus cabelos. – És lindo!

A morte
Devia ser
Uma vaga fantasia!

Dá-me o teu braço: - não ponhas
Esse desmaio na voz.

Sim, beijemo-nos, apenas!,
- Que mais precisamos nós?

(BOTTO: www.secrel.com.br/jornal).

Essa canção, tão explicitamente erótica quanto delicada, insere, de maneira espetacular, o signo da morte, tratada como ficção literária e reenvia ao “Soneto” mariodeandradiano, não só pelo tema do homoerotismo, sonhado face a um adolescente, quanto pela forma

em aberto: termina com uma interrogação desejosa, que trava um contraponto com o soneto, estrutura fixa; mas Mário de Andrade inscreve, no *incipit* do seu “Soneto”, uma interrogação, signo que abre o discurso poético, onde o “eu” lírico acaricia uma dúvida, sanada no corpo do poema e sonhada no corpo desejado.

Outro intertexto será o poema “Rapto”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), do livro *Claro enigma* (1951), onde o poeta mineiro, habitante do Posto 6, em Copacabana, no Rio de Janeiro, via, perplexo, as ondas de homossexuais:

Se uma água fende os ares e arrebatada
esse que é forma pura e que é suspiro
de terrenas delícias combinadas;
e se essa forma pura, degradando-se,
mais perfeita se eleva, pois atinge
a tortura do embate, no arremate
de uma exaustão suavíssima, tributo
com que se paga o vôo mais cortante;
se, por amor de uma ave, ei-la recusa
o pasto natural aberto aos homens,
e pela via hermética e defesa
vai demandando o cândido alimento
que a alma faminta implora até o extremo;
se esses raptos terríveis se repetem
já nos campos e já pelas noturnas
portas de pérola dúbia das boates;
e se há no beijo estéril um soluço
esquivo e refochado, cinza em núpcias,
e tudo é triste sob o céu flamejante
(que o pecado cristão, ora jungido
ao mistério pagão, mais o alanceia),
baixemos nossos olhos ao desígnio
da natureza ambígua e reticente:
ela tece, dobrando-lhe o amargor,
outra forma de amar no acerbo amor.

(ANDRADE, 1985, p. 266).

Discurso enigmático e cerrado, encerrado em uma única estrofe, como um jorro, esse poema drummondiano remete à mitologia grega, que narra a metamorfose de Zeus em águia a fim de arrebatá-lo o jovem Ganimedes, ao mesmo tempo que, em surdina, bate o *mea culpa* do cristianismo mineiro, que denuncia o homoerotismo como “pecado”. Embora católico fervoroso, Mário de Andrade, que foi até congregado mariano, supera o recalque do pecado e deixa-se, qual Teresa de Ávila, extasiar-se face ao efebo, grego, paulistano, desterritorializado, enfim, pela literatura; o poeta de *Paulicéia desvairada* (1922), recusando, conscientemente, a mitologia grega, cultivada pelos árcades e pelos parnasianos, pulsa, no entanto, a cultura ática, na medida em que refere o amor dos jovens pelos mais velhos como emblema de felicidade. O “Soneto” do livro *A costela do grã cão* estabelece um diálogo entre o eu lírico e o objeto contemplado de seu desejo: há uma proposta de cumplicidade amorosa, descrita como “azul bem leve”, contraponto à banalidade do presente. Ao convite, segue-se a descrição plástica do adolescente nu, na cama do emissor, que se enamora e em cujo olhar absorto o efebo também se perde. Não se trocam promessas, juras, apenas a permissão para o olhar contemplativo, as “adorações serenas”, que ultrapassam o “pejo” e elevam-se à grandeza do amor e do poema.

Diferentemente do poema “Cabo Machado”, em que ocorre um retrato extremamente sensorial e plástico, este “Soneto” trava um diálogo, alicerçado no êxtase de um adulto face à beleza do adolescente. Mário de Andrade inscreve-se na tradição arcaica grega que elege o efebo como modelo. Terá Mário lido *Morte em Veneza* (1912), de Thomas Mann (1875-1955) ou os poemas de Constantinos Kaváfis (1863-1933), poeta grego, nascido na egípcia Alexandria?

Se o homoerotismo de Mário de Andrade pode soar a ouvidos canônicos como apócrifo, convém, ainda, assinalar que existe um evangelho *gay*, este apócrifo, com certeza, todavia não menos interessante e talvez mais verdadeiro, em todo caso terrivelmente humano para o retrato de um deus feito homem.

“Jesus disse ao jovem o que devia fazer, e à noite este veio a ele com um vestido de linho sobre o corpo nu. E ficaram juntos aquela noite, pois Jesus ensinou-lhe o mistério do reino de Deus.” Esse trecho explosivo foi divulgado nos anos 70 por Morton Smith, pesquisador da Universidade da Califórnia. Morton afirma que organizava a biblioteca do mosteiro de Mar Saba, próximo a Jerusalém, em 1958, quando encontrou a citação copiada na contracapa de um livro. O trecho teria vindo de um certo Evangelho Secreto de Marcos, escrito pelo mesmo autor do Evangelho de Marcos. Especialistas confirmaram que o texto correspondia ao estilo do autor. Morton publicou dois livros polêmicos em que defendia a tese de que a conjunção carnal fazia parte da iniciação cristã. Seria uma grande descoberta, não fosse um detalhe: o único que viu o achado foi o próprio Morton. O livro sumiu do mosteiro. Portanto, uma dúvida insolúvel ronda o suposto evangelho homoerótico: seria verdadeiro ou uma fraude engendrada por um exímio conhecedor de textos antigos?

Apócrifo por apócrifo, fiquemos com a ficção, que produz, com certeza, a verdade do desejo, desejo homoerótico, no caso do nosso macunaímico Mário de Andrade, que trouxe o evangelho (“Boa nova”) do modernismo na cultura nacional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: J. Olympio, I 1985
- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- BORGES, Jorge Luis. *Obra completa*. Buenos Aires: Emecé, 1974.
- BOTTO. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jornal>> acesso em: 21 maio 2006.
- MUCCI, Latuf Isaias. *Ruína & simulacro decadentista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- RUAS, Tabajara. *O amor de João por Pedro*. São Paulo: Record, 2005.